

O BRINQUEDO É DE MENINO OU DE MENINA? UMA ANÁLISE DA APRESENTAÇÃO DO GÊNERO NOS BRINQUEDOS INFANTIS

IS THE TOY FOR A BOY OR A GIRL? AN ANALYSIS OF GENDER PRESENTATION IN CHILDREN'S TOYS

Tamara Cristiane de Campos¹
Mirela Jeffman dos Santos²

Resumo

Ao abordar o consumo infantil, observam-se as diferenças de brinquedos categorizadas por gênero. Indústrias se encarregam de promover uma divisão de brinquedos, reproduzindo estereótipos da sociedade. Imagens e cores direcionam o brinquedo de acordo com o sexo da criança. Esse estudo objetivou analisar a apresentação do gênero nos brinquedos infantis da linha faz-de-conta. O referencial teórico fez uma reflexão sobre o papel dos brinquedos na vida das crianças e os diferentes estereótipos sociais neles manifestos. Por meio de uma abordagem qualitativa, procedeu-se com a análise dos catálogos de três indústrias brasileiras de brinquedos e conduziu-se um grupo focal com nove mães de crianças de até 12 anos. Os resultados mostraram os significados de maternidade/paternidade; delicadeza, cuidado e elegância; aventura, bagunça e curiosidade; além de revelar a aversão ao uso da cor de rosa para os brinquedos de meninos e a tendência de mercado para admitir brinquedos sem gênero que proporcione a interação entre meninos e meninas durante as brincadeiras.

Palavras-chave: Gênero. Brinquedo. Criança. Brinquedo infantil. Estereótipos.

Abstract

When addressing children's consumption, differences in toys categorized by gender are observed. Industries are responsible for promoting a division of toys, thereby reproducing societal stereotypes. Images and colors direct toys according to the child's gender. This study aimed to analyze the presentation of gender in pretend play toys. The theoretical framework reflected on the role of toys in children's lives and the various social stereotypes manifested

¹Mestre em Administração pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: tamarac.campos@gmail.com.

²Doutora em Administração pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5738798603385839>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4564-0215>, e-mail: mirelajs@gmail.com.

within them. Using a qualitative approach, catalogs from three Brazilian toy companies were analyzed, and a focus group was conducted with nine mothers of children up to 12 years old. The results revealed meanings related to motherhood/fatherhood; delicacy, care, and elegance; adventure, messiness, and curiosity; as well as a strong aversion to the use of the color pink in boys' toys and a market trend toward embracing gender-neutral toys that encourage interaction between boys and girls during play.

Keywords: Toy. Child. Childish toys. Stereotypes.

1 INTRODUÇÃO

O ato de brincar é uma prática natural do ser humano. Iniciada logo nos primeiros meses de vida, a brincadeira permite a criação de situações imaginárias, que transcendem as dimensões de tempo e espaço e dá lugar a um mundo de fantasias (Lima, 2017). A brincadeira é uma forma de expressão e comunicação durante a infância e possui grande importância no desenvolvimento social, afetivo e intelectual da criança (Pereira; Oliveira, 2016). Brincar também oferece a possibilidade de aproximação com o mundo real, pois os brinquedos representam objetos do cotidiano da vida adulta, permitindo que a criança simule situações reais (Gregoviski, Silva; Hlavac, 2016), como cozinhar, lavar, dirigir e construir. Por meio do faz-de-conta, as crianças expressam, criam e recriam diversas situações do dia a dia com base nas suas experiências vividas (Pereira; Oliveira, 2016).

Não é novidade que a indústria de brinquedos busca reproduzir estereótipos da sociedade e reforçar padrões adultos (Kincheloe; Steinberg, 2001). Ao serem fabricados, os brinquedos revelam a maneira pela qual os fabricantes enxergam as crianças e as relações que estabelecem com o mundo que as cerca. Por isso, muitas vezes os brinquedos podem ser vistos como um instrumento de preparação das crianças para a vida adulta (Kropenicki; Perurena, 2017). Desse modo, os brinquedos se tornam um meio de influência da sociedade sobre as crianças por meio de diferentes aspectos como hábitos, valores, regras, padrões e estereótipos (Lima, 2017).

Muitos brinquedos retratam os papéis culturais desempenhados por homens e mulheres em uma estrutura social (Kropenicki; Perurena, 2017), demonstrando o comportamento esperado dos indivíduos ao se tornarem adultos, de modo a preservar os estereótipos relacionados aos gêneros masculino e feminino (Gregoviski, Silva; Hlavac, 2016). A diferenciação entre os gêneros é iniciada antes mesmo do nascimento e é reforçada

desde as primeiras relações sociais da criança, especialmente na família e na escola (Pereira; Oliveira, 2016). Os brinquedos acompanham essa diferenciação ao estabelecer uma separação entre o que é de menino e o que é de menina, o que ocorre de forma tão espontânea que se tornou “normal” na sociedade (Lima, 2017).

O gênero, portanto, refere-se àquilo que é aprendido culturalmente sobre o que é o sexo masculino e o que é o sexo feminino, que se reflete na forma em que os indivíduos vivem socialmente desempenhando esses papéis (Pereira; Oliveira, 2016). A mulher é fortemente associada aos cuidados da casa e dos filhos, o que é retratado nos brinquedos como bonecas, cozinha, panelinhas e jogos de louça. Enquanto os homens são associados ao sustento da casa e ao trabalho fora, o que se manifesta em brinquedos como carros, aviões e naves, que retratam poder de consumo (Telles, 2010; Cruz, Silva; Souza, 2012).

Ainda que a criança já tenha o seu papel reconhecido como consumidora e influenciadora nas decisões da família (Guter; Furnham, 2001), discussões a respeito dos padrões sociais relacionados aos brinquedos, particularmente o gênero, são escassas (Silva, 2018; Kropeniski; Perurena, 2017; Lima, 2017; Gregoviski, Silva; Hlavac, 2016; Silva; Brabo, 2016; Sarat, Campos; Macedo, 2016; Cruz, Silva; Souza, 2012). Poucos estudos têm se focado em analisar como o gênero do brinquedo é apresentado às crianças e aos pais, gerando possíveis estereótipos sociais e ensinando de forma lúdica padrões de comportamento (por exemplo, Pereira; Oliveira, 2016).

O presente estudo teve o objetivo de analisar a apresentação do gênero nos brinquedos infantis da linha faz-de-conta. Para cumprir com esse propósito, o estudo se propôs a proceder com essa análise sob duas perspectivas: a) a apresentação do gênero nos brinquedos infantis da linha faz-de-conta pela indústria brasileira fabricante; e b) a percepção dos pais³ em relação à apresentação do gênero nos brinquedos infantis da linha faz-de-conta.

Esse artigo encontra-se dividido em cinco seções, incluída essa introdução. Na etapa seguinte, apresenta-se o referencial teórico que embasou o estudo. Em seguida, o método utilizado para a pesquisa de campo é apresentado. Na seção quatro, são analisados os resultados obtidos. Por fim, conclusões, limitações e contribuições são abordadas nas considerações finais.

³ Nesse estudo, utiliza-se o termo “pais” para designar os progenitores da criança, não fazendo alusão ao sexo do(s) cuidador(es), mas incluindo o pai (papel masculino), a mãe (papel feminino) ou ambos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A infância é um dos momentos mais mágicos da vida de um ser humano. Trata-se de um período em que se pode criar diferentes realidades e vive-las de forma intensa (Kropeniski; Perurena, 2017). Brincar é um ato que gera prazer, é uma oportunidade para a criança expressar suas fantasias internas (Cordazzo, 2008). Por meio da brincadeira, experencia-se situações que não seriam possíveis na vida real, como lutar com dragões ou pilotar uma nave espacial, transitando-se constantemente do mundo real para o mundo imaginário (Lima, 2017).

O ato de brincar também contribui para o desenvolvimento de aptidões humanas, como linguísticas, cognitivas e sociais (Gregoviski, Silva; Hlavac, 2016), proporciona a oportunidade de se relacionar com o outro, conhecer o diferente e aprender por meio das relações sociais (Pinto; Lopes, 2009). A brincadeira oferece a possibilidade de experimentar o mundo real por meio de diversos brinquedos que retratam objetos do cotidiano adulto em formato reduzido ou simbólico, permitindo que a criança seja bombeiro, princesa, pai ou mãe (Gregoviski, Silva; Hlavac, 2016) e, desta forma são gradualmente introduzidas ao mundo adulto, aprendendo de forma lúdica e natural sobre a realidade da vida adulta (Pereira; Oliveira, 2016).

Na medida em que a criança vai amadurecendo, as suas brincadeiras passam a retratar de forma cada mais próxima a vida adulta, reproduzindo, inclusive, as regras sociais e os estereótipos constituídos socialmente (Gregoviski, Silva; Hlavac, 2016). Dependendo da idade e do contexto da criança, a brincadeira possui regras que podem definir comportamentos mais convenientes para meninos ou meninas (Cordazzo, 2008), construindo-se assim as relações de gênero e compartilhando-as no universo infantil (Pinto; Lopes, 2009). Desse modo, os papéis de gênero compreendem um conjunto de comportamentos e condutas que foram reproduzidos ao longo da história pela sociedade e passaram a ser compreendidos como naturais, adequados, justos e desejáveis. Essa transmissão de valores ocorre de forma natural e inquestionável desde a infância, quando se direciona comportamentos de meninos e meninas (Silva; Brabo, 2016).

Gênero compreende aquilo que os indivíduos aprendem culturalmente sobre o que é o sexo masculino e o que é o sexo feminino e que pauta a forma como convivem socialmente com essas diferenças nos mais variados espaços (Pereira; Oliveira, 2016). Portanto, o gênero é

aprendido, interpretado e assimilado pela criança; orientando o seu padrão de comportamento na brincadeira de modo a reproduzir condutas compatíveis com o gênero que se identifica (Godoy *et al.*, 2021).

A tendência a reproduzir comportamentos direciona para a formação de meninos e meninas com estereótipos sociais pré-definidos (Kropeniski; Perurena, 2017). Desde o nascimento do bebê, os pais impõem certas condutas relacionadas às cores, roupas, modo de se comportar e se relacionar. A cultura é cultivada desde o ambiente familiar e se estende para a escola, na qual as crenças se intensificam: meninos usam azul e meninas usam rosa; meninos sentam longe das meninas; existe a separação sutil de filas, mesas, brincadeiras e materiais (LIMA, 2017). Neste cenário, meninos e meninas são divididos em dois polos com o intuito de preservar os papéis sociais que deles são esperados (Gregoviski, Silva; Hlavac, 2016).

Quando os pais tomam conhecimento do sexo do bebê, antes mesmo dele nascer, todo o contexto que os cerca é preparado para recebê-lo. Meninos e meninas, futuros homens e mulheres, são idealizados de modo a atender os padrões culturais de gênero (Kropeniski; Perurena, 2017). Desde cedo, os comportamentos esperados são introjetados nas crianças: meninas são destinadas às atividades mais delicadas, especialmente o cuidado com o lar e com os filhos; enquanto meninos são incentivados a tarefas que promovam movimento físico e raciocínio (Gregoviski, Silva; Hlavac, 2016). Essas diferenças são vistas como naturais no contexto social. Admite-se que os meninos sejam agitados, bagunceiros e curiosos, enquanto as meninas sejam calmas e caprichosas (Lima, 2017).

Naturalmente, os brinquedos refletem essas relações de gênero e ensinam às crianças posições femininas ou masculinas na estrutura social (Kropeniski; Perurena, 2017). O universo infantil é organizado de forma segregada com vistas a reforçar padrões que a sociedade há anos vem construindo (Lima, 2017). Por meio das suas cores e funções, os brinquedos já sugerem a quem se destinam: meninas ou meninos (Pereira; Oliveira, 2016). Ao deparar-se com um brinquedo, a criança automaticamente analisa se aquele objeto é para ela ou não, isto é, se aquele objeto combina com o seu modo de ser e de brincar e, naturalmente, se é adequado ao seu gênero (Fulcher; Hayes, 2017). A escolha dos brinquedos feita pelas crianças é motivada pelo referencial de gênero aprendido socialmente, por meio do convívio com a família, com os amigos e com a mídia; que influenciam na construção de um padrão de comportamento esperado da criança compatível com o seu gênero (Lira; Nunes, 2016).

Telles (2010) contribui para essa discussão ao observar a aversão de meninos e meninas por brincar com brinquedos que, teoricamente, se destinam ao sexo oposto. Essa aversão é mais intensa no comportamento dos meninos, que sentem a sua masculinidade ameaçada ao brincar com brinquedos tradicionalmente destinados às meninas. Godoy et al. (2021) observaram que as crianças tendem a ressignificar os objetos quando são expostas a brinquedos destinados ao sexo oposto. Utilizando a imaginação, os pequenos transformam um refrigerador em um carro e uma pista de carros em cobertura para as bonecas, dando um novo significado ao brinquedo e criando novas brincadeiras.

Por meio de um estudo com catálogos de brinquedos, Kropeniski e Perurena (2017) evidenciaram a manutenção de um binarismo de gênero, que delimita o que é de menino – construir, viver aventuras – e o que é de menina – trabalho doméstico, cuidado do bebê. Silva (2018) encontrou essas diferenças de gênero até mesmo nas embalagens dos brinquedos. Lima (2017) abordou diretamente as crianças do ensino fundamental e identificou claramente a separação entre os brinquedos considerados de meninos – caminhão de bombeiro, dinossauro e bola de futebol – e de meninas – cozinha, boneca e carrinho de bebê. Gregoviski, Silva e Hlavac (2016) também constataram uma divisão entre os brinquedos por gênero: utensílios domésticos, bonecas e maquiagens foram considerados brinquedos de meninas, já super-heróis, carros, pistas automotivas e armas foram considerados brinquedos de meninos. Pereira e Oliveira (2016) pesquisaram crianças no contexto escolar da educação infantil e corroboraram com esses achados. Para Lira e Nunes (2016), essas diferenças se manifestam até mesmo nos termos utilizados para apresentar os brinquedos às crianças. Às meninas, predominam as palavras: apaixonar, mamãe e princesa, geralmente empregados em contextos familiares, relacionados ao lar. Aos meninos, são utilizados os termos força, velocidade e aventura, geralmente associados aos contextos externos à casa, como o mercado de trabalho e espaços para jogos e diversão. Cruz, Silva e Souza (2012) propuseram trocas de brinquedos estereotipados por gênero entre crianças na educação infantil e observaram a aversão, especialmente dos meninos, por brincar com brinquedos destinados ao sexo oposto.

Observou-se consenso entre os autores quanto à divisão de papéis de gênero manifestados nos brinquedos infantis. Desde a infância, demonstra-se o que se espera daquele sujeito quando ele se tornar adulto, buscando-se preservar os estereótipos relacionados aos homens e às mulheres (Gregoviski, Silva; Hlavac, 2016). As meninas geralmente são treinadas para serem mães e donas de casa, enquanto meninos se preparam para um futuro

mais liberto e autônomo (Kropeniski; Perurena, 2017). O comportamento dos pais tende a acompanhar esses estereótipos sociais, optando por comprar brinquedos direcionados ao gênero do seu filho ou brinquedos considerados neutros e evitar brinquedos tipicamente associados ao sexo oposto (Weisgram, 2019).

Em conjunto com os brinquedos, a composição de cores interfere diretamente na forma como as crianças interagem e manipulam os brinquedos (Fulcher; Hayes, 2017). As cores demonstram a intenção de comunicar determinados significados que foram socialmente construídos (Kropeniski; Perurena, 2017). Foi observada a predominância da cor rosa nos brinquedos direcionados às meninas e da cor azul nos brinquedos direcionados aos meninos (Fulcher; Hayes, 2017). As próprias crianças mostraram identificação com as cores de acordo com o seu sexo, sendo que os meninos revelaram optar por brinquedos nas cores azul e vermelha, enquanto as meninas optaram pelas cores rosa e roxo (Lima, 2017).

Kropeniski e Perurena (2017) relataram que a criação de uma cozinha que servisse tanto para meninos quanto para meninas levou a marca que desenvolveu o brinquedo a reconfigurar suas cores, apresentando-a em verde, azul, amarela e branca e evitando totalmente o rosa. Para as autoras, a masculinidade parece estar ameaçada quando a cor rosa se aproxima. Sweeth (2014) afirmou que os brinquedos estão mais divididos por gênero hoje do que anos atrás. Nos anos 80, a publicidade neutra recuou e nos anos 90 retornou, porém, utilizando mais a subjetividade por meio de cores e papéis de gênero baseados na fantasia, orientada para uma masculinidade poderosa e uma feminilidade mais passiva e relacional.

A literatura pesquisada demonstra que os estereótipos construídos sobre o papel do homem e da mulher na sociedade são manifestados nos brinquedos infantis e desde cedo sugerem padrões de comportamento aos meninos e as meninas. As próprias crianças aprendem a brincar com os brinquedos de acordo com o seu gênero, tendo como referência os adultos com os quais convivem, especialmente os cuidadores. Deste modo, desde cedo, as crianças sentem prazer em fazer de conta que são adultos e reproduzir as suas atividades. Neste sentido, os significados que os brinquedos carregam têm o papel de introduzir as crianças à vida adulta por meio da reprodução de atividades como dirigir, cozinhar, cuidar de um bebê, lutar e tocar instrumentos musicais.

3 MÉTODO DE PESQUISA

O presente estudo teve por objetivo analisar a apresentação do gênero nos brinquedos infantis da linha faz-de-conta. Diante da complexidade e da subjetividade do objetivo proposto para esse estudo, utilizou-se da abordagem qualitativa interpretativista, seguindo as recomendações de Gibbs e Flick (2009). A referida abordagem prevê o envolvimento do pesquisador com o fenômeno investigado, permitindo a participação no contexto de estudo, bem como o uso de percepções, interpretações e emoções do pesquisador para construção dos resultados da pesquisa. Esse posicionamento permitiu analisar de forma aprofundada e detalhada a apresentação do gênero nos brinquedos infantis. A pesquisa de campo contemplou duas etapas, alinhadas aos objetivos específicos deste estudo, que são descritas a seguir.

3.1 Análise dos Catálogos

Com o intuito de analisar a apresentação do gênero nos brinquedos infantis da linha faz-de-conta pela indústria brasileira fabricante, foram consideradas três indústrias brasileiras de brinquedos, definidas em função da sua representatividade no mercado nacional na fabricação de produtos da linha faz de conta. A linha faz de conta compreende brinquedos que reproduzem a realidade da vida adulta, permitindo que as crianças brinquem livremente. Os brinquedos dessa linha permitem que as crianças estabeleçam as suas próprias regras, representem papéis sociais e criem situações por meio da representação simbólica do cotidiano dos adultos. Exemplos de brinquedos da linha faz de conta incluem bolas, instrumentos musicais, utensílios de cozinha, bonecas, carros, armas, entre outros.

O perfil das empresas consideradas para o estudo está apresentado no Quadro 1.

A coleta de dados foi realizada por meio do acesso aos catálogos publicados nos websites das três indústrias no período de 2017 a 2020. O conteúdo coletado englobou predominantemente imagens, que foram tratadas pela análise de discurso, considerando-se o texto, o discurso e o contexto, conforme indicado por Phillips e Hardy (2002). E apoiado na metodologia de Bauer e Gaskell (2002) para análise de imagens.

Quadro 1 – Perfil das indústrias pesquisadas

Empresa	Fundação	Cidade Matriz	Porte
A	1999	Pomerode/SC	Média
B	1994	Guarulhos/SP	Média
C	1947	Santa Cruz do Sul/RS	Média

Fonte: dados da pesquisa.

O material coletado foi analisado, em um primeiro momento, de forma separada pelas pesquisadoras, na qual buscou-se formar categorias de análise, conforme indicado por Gibbs e Flick (2009). Em um segundo momento, as pesquisadoras se reuniram para discutir as categorias identificadas. Após a discussão em conjunto, as pesquisadoras definiram as seguintes categorias de análise: Maternidade e Paternidade; Meninas delicadas, cuidadosas e elegantes; Meninos aventureiros, bagunceiros e curiosos.

3.2 Grupo focal

Com vistas a analisar a percepção dos pais em relação à apresentação do gênero nos brinquedos infantis da linha faz-de-conta, conduziu-se um grupo focal com pais de crianças de até 12 anos. A idade das crianças (até 12 anos) foi definida por se tratar de um período em que as crianças tendem a ter maior aderência por brincadeiras da linha faz de conta e ainda apresentam comportamentos infantis por não terem entrado na puberdade. A escola das famílias que participaram do estudo se deu pelo critério de proximidade e facilidade de acesso pelas pesquisadoras. Foram convidados quinze casais pertencentes à classe média-alta, de raça branca, residentes em uma cidade de aproximadamente 130 mil habitantes, localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul, cujos filhos(as) estudam em colégio particular.

Os convites foram realizados por telefone, no qual se esclareceram os objetivos do estudo e se explicou como a pesquisa seria conduzida, incluindo os critérios de sigilo e confidencialidade. Dos quinze casais convidados a participar do estudo, nove mães compareceram no dia e local previamente agendado. O fato de somente as mães das crianças comparecerem pode ser atribuído ao fato de o contato inicial ter sido realizado com elas (e não com os pais) e também pelo interesse das mesmas em participar e discutir o tema proposto. O perfil das mães entrevistadas encontra-se apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 – Perfil dos participantes do Grupo Focal

Participante	Idade	Sexo	Estado Civil	Nº Filhos	Gênero do Filho
A	33	F	Casada	1	Menina
B	28	F	Casada	1	Menina
C	38	F	Casada	2	Menina
D	39	F	Casada	2	Menina
E	32	F	Casada	2	Menina/Menino
F	39	F	Casada	1	Menina
G	35	F	Casada	1	Menina
H	35	F	Casada	2	Menina/Menino
I	30	F	Casada	1	Menino

Fonte: dados da pesquisa

O grupo focal foi conduzido pelas pesquisadoras em uma sala de aula, no ambiente universitário em um sábado de manhã e teve duração aproximada de três horas. As mesas e cadeiras foram dispostas em formato de círculo de modo que os participantes pudessem se enxergar durante o bate papo.

A dinâmica do grupo focal foi apoiada em um roteiro semiestruturado (Apêndice A), cujas questões estimularam o debate e o compartilhamento de experiências entre os participantes. Durante o grupo focal, foram observados os comportamentos gerais dos participantes como expressões corporais e faciais, entonação de voz e gestos. O encontro foi gravado em áudio e vídeo. As falas dos participantes foram posteriormente transcritas para análise e as expressões não verbais foram registradas em bloco de anotações. Os dados coletados no grupo focal foram tratados pela análise de discurso, conforme recomendado por Phillips e Hardy (2002).

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A seguir, apresentam-se as categorias identificadas por meio da análise dos catálogos e do grupo focal.

4.1 Maternidade e Paternidade

A apresentação dos brinquedos considerados neste estudo sugeriu a participação dos pais no ato de brincar junto aos seus filhos, demonstrando que os produtos foram desenvolvidos com o intuito de que a criança possa utilizá-lo na companhia da família,

configurando um clima de amor e carinho. O significado de maternidade e paternidade remete à ideia de que os pais têm a responsabilidade de contribuir com o desenvolvimento das crianças mesmo nos momentos de divertimento. Entre as imagens encontradas nos catálogos observou-se um casal brincando com a filha em uma tenda de cachorro quente, na qual a mãe está preparando o alimento e o pai está ajudando a filha a comer (Figura 1). Outra imagem encontrada foi de uma mãe brincando de carro com o filho, no qual o menino encontra-se dirigindo o ‘veículo” e a mãe está presente ao seu lado (Figura 2). Essas imagens sugerem um clima de diversão em família, retratando zelo, união e cuidado.

Figura 1 – Família brincando de tenda de cachorro quente



Fonte: Catálogo da empresa A.

Figura 2 – Mãe brincando de carrinho com o filho



Fonte: Catálogo da empresa B.

Essas imagens demonstram a presença da interação social durante as brincadeiras, especialmente com os cuidadores, reforçando as colocações de Pereira e Oliveira (2016) no

que se refere à construção de vínculos entre pais e filhos. Desse modo, o ato de brincar pode ser visto como uma forma de unir a família e cultivar as relações afetivas, deixando a criança segura do amor recebido.

Esse sentimento também foi manifesto durante a conversa no grupo focal. Por meio das suas falas, as mães demonstraram o seu afeto ao presentear os seus filhos com brinquedos que são desejados pelos pequenos. Os seus relatos foram repletos de carinho e amor, conforme exemplos a seguir.

Eu prefiro dar brinquedos em datas especiais e aniversários infantis porque parece que a criança valoriza mais, elas ficam mais felizes e marca mais [A].

Para meu marido, o presente é para criança e tem que dar brinquedo, na opinião dele tem que ser brinquedo [E].

Os brinquedos maiores que representam mais, ficam para datas comemorativas e livros e jogos ficam mais para o dia a dia, uma coisa pequena e mais educativa, que não represente um valor tão alto [F].

Durante a conversa, foi notável o prazer e entusiasmo das mães por presentear seus filhos e vê-los felizes ao receber os brinquedos, inclusive comentaram que o seu comportamento como consumidoras se modificou após a maternidade.

Antes só passava nessas seções e nessa parte da loja [brinquedos] se tinha um aniversário infantil, tipo vou procurar algo específico para essa criança. E às vezes ainda pensava, não vou dar brinquedo, vou dar roupa. Agora que tenho filho assisto até as propagandas [B].

Quando tu não tens filho, tu pensas assim, vou dar uma roupa, pensa no que a mãe gostaria e agora quando se tem filhos tu já pensas no que a criança gostaria. Ai, um brinquedinho ela vai gostar mais [F].

Esses relatos demonstram que não são apenas as crianças que elegem os seus brinquedos. Essa decisão permeia os pais, os tios, os avós e outros familiares que também se envolvem na escolha dos brinquedos e compartilham da responsabilidade de presentear as crianças com algo significativo para a sua formação. Esse significado associado aos brinquedos oferece a possibilidade de toda a família usufruir dos momentos mágicos que a brincadeira pode proporcionar (Kropeniski; Perurena, 2017), criando diferentes situações do mundo real (Lima, 2017), como dirigir um carro e fazer cachorro quente para vender. A reprodução do cotidiano da vida adulta, em conjunto com os cuidadores, proporcionar o desenvolvendo de habilidades sociais e afetivas (Gregoviski, Silva; Hlavac, 2016).

4.2 Meninas delicadas, cuidadosas e elegantes

Nesse estudo, foi possível observar a divisão dos brinquedos destinados às meninas e aos meninos nos catálogos das empresas, que retrataram os papéis sociais esperados, conforme já apontado por Gregoviski, Silva e Hlavac (2016). Desse modo, os brinquedos são um meio de comunicação com as crianças que demonstram os hábitos e comportamentos esperados de acordo com o seu gênero (Lima, 2017).

Os produtos expostos utilizando meninas como modelos foram, especialmente, cozinha, penteadeira, castelo de princesas, confeitaria, bonecas e carrinho de bonecas. Alguns exemplos se encontram ilustrados nas Figuras 3 e 4.

Figura 3 – Cozinha móvel



Fonte: Catálogo da empresa A.

Figura 4 – Estante Glamour



Fonte: Catálogo da empresa A.

As imagens de meninas divulgadas nos catálogos transmitiram o significado de delicadeza e cuidado, que foram observados nas tarefas associadas à casa como lavar, passar, cozinhar e limpar, além do envolvimento com os bebês. Grande parte dos brinquedos destinados às meninas integraram réplicas de eletrodomésticos como refrigerador, fogão, forno, máquina de lavar, ferro de passar, além de utensílios de cozinha e de limpeza. Essas tarefas retratam o estereótipo feminino construído pela sociedade no que se refere ao cuidado do lar, provimento dos alimentos, manutenção da casa e cuidado dos filhos, o que vai ao encontro do estudo de Lira e Nunes (2016) e Kropeniski e Perurena (2017).

Em paralelo a isso, também se observou o significado de beleza e elegância, que se configurou na estante glamour e no castelo, sugerindo a ideia que a mulher precisa ser bela, além de cumprir com os afazeres domésticos. Esses resultados corroboram o estudo de Gregoviski, Silva e Hlavac (2016), que também observaram a associação dos brinquedos de meninas com atividades delicadas; e Kropeniski e Perurena (2017), que concluíram que as meninas são preparadas para serem mães e donas de casa, pois são vistas como delicadas e caprichosas e ninguém questiona essa “verdade” (LIMA, 2017). A delicadeza e elegância parece ser repudiada pelos meninos, que demonstram aversão aos brinquedos tradicionalmente destinado às meninas, conforme apontado por Cruz, Silva e Souza (2012) e Telles (2010), o que pode explicar o fato de as marcas de brinquedos priorizarem as modelos femininas para apresentar esses produtos.

4.3 Meninos aventureiros, bagunceiros e curiosos

Por outro lado, os brinquedos apresentados utilizando meninos como modelos foram, predominantemente: carros, caminhões, pistas de carros e ferramentas. Resultados semelhantes foram encontrados nos estudos de Gregoviski, Silva e Hlavac (2016) e Lima (2017), que constataram maior associação dos meninos às atividades aventureiras e agitadas.

As imagens dos catálogos expuseram meninos pilotando carros, como, por exemplo, a Figura 5, na qual pode-se notar a expressão facial de alegria e empolgação do menino ao dirigir um caminhão.

Figura 5 – Caminhão



Fonte: Catálogo da empresa B.

Figura 6 – Bancada de Ferramentas



Fonte: Catálogo da empresa A.

Os meninos apareceram nos catálogos em atividades fora do ambiente do lar (Lira; Nunes, 2016), como dirigindo um caminhão e em uma “oficina” brincando de ferramentas, o que vai ao encontro dos estudos de Telles (2010) e Cruz, Silva e Souza (2012), que constaram a associação dos meninos ao sustento da casa e ao trabalho fora, retratando atividades a serem desempenhadas no futuro quando se tornarem adultos.

Outro significado encontrado nos brinquedos destinados aos meninos foi a curiosidade, especialmente, para tarefas que exigem raciocínio como construir ou consertar. A Figura 6 ilustra um exemplo disso, ao apresentar um menino brincando em uma bancada de

ferramentas. Gregoviski, Silva e Hlavac (2016) já haviam constatado que os meninos são incentivados a desempenhar atividades que promovam raciocínio lógico como consertar, construir e competir.

Na visão de Kropeniscki e Perurena (2017), os brinquedos dos meninos os preparam para um futuro mais liberto e autônomo, diferentemente das meninas. Isso ocorre porque a sociedade aceita que eles tenham um perfil agitado, bagunceiro e curioso (Lima, 2017).

Esses resultados ilustram o conjunto de comportamentos que Silva e Brabo (2016) referiram ao caracterizar os papéis de gênero na sociedade, que são internalizados de modo que passam a ser considerados adequados e desejáveis, o que também foi observado nos relatos das mães durante o grupo focal. Elas percebem e concordam com a divisão entre os brinquedos destinados para meninas e meninos, conforme trechos reproduzidos a seguir.

Minha filha queria uma bola, escolheu uma de futebol. Eu fui lá e troquei pela de vôlei e disse menina joga bola com as mãos. São coisas que a gente faz inconscientemente [B].

Se minha filha entrar em uma loja de brinquedos e escolher uma fantasia de Super Man, vou pedir para ela escolher outra, uma com sainha, não vou gostar que ela escolha este tipo de produto [F].

No dia do brinquedo da escola, a [minha filha] levou um microfone rosa. Eu perguntei, quem brincou com teu brinquedo filha? Ela sempre responde meninas, e ela também nunca me falou que brincou com os bonecos dos meninos. Ela até diz: “o fulano levou isso ou aquilo, mas eu não gosto, pois isso é de menino, né mãe?” [C].

Ainda que reconheçam que a possibilidade de os filhos brincarem com brinquedos de amigos que se destinam ao sexo oposto, as mães trazem uma questão cultural associada aos papéis de gênero e por isso assumem que comprem brinquedos de acordo com o gênero dos seus filhos, o que reforça a argumentação levantada por Weisgram (2019).

4.4 Cor de rosa é só para meninas?

Em conjunto com a segmentação por gênero, o estudo revelou uma discussão a respeito das cores dos brinquedos, levantando o questionamento especialmente em relação à cor rosa. Esse tema ganhou destaque nos estudos de Fulcher e Hayes (2017), que realizaram um comparativo do comportamento das crianças ao manipular peças nas cores rosa e azul. Os catálogos analisados sugeriram associação das meninas à cor rosa e demonstraram certo distanciamento dos meninos à referida cor. Alguns brinquedos apareceram em duas versões

de cores: uma em tons de rosa e outra em outras cores. Os brinquedos na versão cor de rosa foram mostrados exclusivamente sendo manipulados por meninas. Já os brinquedos de outras cores apareceram sendo utilizado por meninos, como no caso da Figura 8 ou por ambos, como na Figura 7. É interessante destacar que se trata do mesmo brinquedo, havendo apenas a mudança de cores com o intuito de adequá-lo de acordo com o sexo da criança.

Figura 7 – Cozinha



Fonte: Catálogo da empresa A.

Figura 8 – Carrinho de supermercado



Fonte: Catálogo da empresa A.

Outra indústria pesquisada, mesmo sem apresentar modelos associados às cores, nitidamente utilizou a cor rosa e alguns tons de roxo nos brinquedos destinados às meninas (Figura 9), enquanto os brinquedos dos meninos apresentaram cores azul, vermelha, amarela e cinza (Figura 10), o que corrobora com o estudo de Lima (2017).

Figura 9 – Brinquedos de Meninas



Fonte: Catálogo da empresa B.

Figura 10 – Brinquedos de Meninos



Fonte: Catálogo da empresa B.

As cores comunicam significados sociais (Kropeniski; Perurena, 2017) e influenciam a interação de meninos e meninas com os brinquedos (Fulcher; Hayes, 2017). A cor do brinquedo é um importante elemento para identificar a quem se destina (Pereira; Oliveira, 2016). Esse significado também ficou evidente nas falas das mães, que reconheceram associar o rosa somente aos brinquedos de meninas e admitiram que jamais comprariam um brinquedo rosa para presentear um menino, seja seu filho ou não, conforme relatos a seguir.

Eu não compraria produtos rosa para o meu filho. Eu não estou falando do brinquedo, mas da cor em si, a cor impacta mais. Eu acho válido ter essa outra cor então, pelo menos não vão dizer que ele é afeminado por gostar daquele produto [I].

O meu afilhado vem lá em casa brincar, quando ele está lá, ele brinca tranquilamente com a cozinha rosa da [minha filha], pois eu direcionei rosa, por que eu coloquei o rosa pra vida dela. Mas eu jamais daria uma cozinha rosa para ele, mesmo sabendo que ele gostaria de ganhar. Eu direcionaria então para outra cor [D].

As falas das mães demonstram maior preocupação e atenção em relação à cor do que ao brinquedo em si. A entrevistada I mencionou abertamente que aprecia o fato de haver outra cor do mesmo brinquedo para que possa abranger os dois gêneros, especialmente quando se trata da inclusão dos meninos na brincadeira. Os relatos demonstram a aversão das mães à utilização da cor de rosa pelos meninos e por isso apreciam encontrar variedade de cores nos brinquedos, na medida em que isso permite que os meninos possam ser incluídos nas brincadeiras, sem transmitir a imagem de um brinquedo feminino. Já as meninas parecem ter mais liberdade na escolha das cores, o que pode ser visualizado nos seguintes relatos.

Minha filha pode brincar de bola ou com uma espada azul, mas jamais daria uma espada rosa, uma cozinha rosa ou uma boneca ao meu filho [C].

É que o rosa para menino é muito mais forte que a menina usar o azul. Meninas usam tip top azul, mas menino não usa tip top rosa [G].

Eu não sei qual o problema, mas o homem assim parece que não casa [com o rosa] [D].

Esses resultados sugerem que a cor de rosa é altamente associada ao feminino, à delicadeza e à beleza. E por isso, é vista como exclusiva das meninas. Dos meninos, a sociedade espera que se tornem machos, fortes e, de certo modo, agressivos. Portanto, a cor de rosa não combina com os meninos por ferir esses significados. Observa-se, portanto, que a repulsa das mães à utilização do rosa pelos meninos está mais associada à preocupação de afastar os meninos dos signos da feminilidade para que esses não se tornem afeminados, do que à realização de atividades (ou brincadeiras) que supostamente são de meninas. O receio das mães não é de que o menino assuma tarefas como cozinhar, cuidar da casa ou do bebê; e sim de que ele se torne feminino. Por isso, as mães aceitam com maior tranquilidade os brinquedos ditos “de menina” em outras cores (que não seja rosa), sugerindo assim que um menino brincar em uma cozinha na cor vermelha, por exemplo, não fere a sua masculinidade.

Resultados semelhantes foram pontuados por Kropeniscki e Perurena (2017), que observaram o distanciamento dos meninos da cor rosa, o que levou algumas marcas a produzirem brinquedos em outras cores com vistas a serem neutros quanto ao gênero.

4.5 Brinquedo sem gênero?

A pesquisa identificou algumas iniciativas das indústrias no sentido de oferecer brinquedos que pudessem ser compartilhados por meninos e meninas sem carregar os estereótipos de gênero. A exemplo do estudo de Kropeniski e Perurena (2017), as empresas também se despiram da cor rosa e apostaram na diversidade de cores para atrair crianças de ambos os sexos. Os brinquedos que mais apareceram com interação de meninos e meninas nos catálogos foram as cozinhas, que se apresentaram nas cores vermelha, branca e preta e mostraram modelos de ambos os sexos utilizando os produtos, conforme exemplos das Figuras 11 e 12.

Figura 11 – Menina e menino brincando de cozinha



Fonte: Catálogo da empresa B.

Figura 12 – Menina e menino brincando de cozinha



Fonte: Catálogo da empresa C.

Com essa nova apresentação, esses brinquedos, de certa forma, quebram os estereótipos culturalmente constituídos em relação às posições femininas e masculinas. O papel da mulher como cuidadora do lar e dos filhos e responsável pelas tarefas domésticas, mencionado por Kropeniski e Perurena (2017), Lima (2017) e Gregoviski, Silva e Hlavac (2016), é suavizado nessas apresentações do brinquedo, pois os meninos, futuros homens, também são inseridos na brincadeira e estimulados a executar certas atividades. Não foi observado nos catálogos pesquisados, nenhum brinquedo que representasse tarefas domésticas sendo manuseado apenas por meninos. Esse dado sugere que ainda não é visto como natural o fato de os homens exercerem esse tipo de tarefa sozinhos, somente acompanhados pelas mulheres, pois existe um valor cultural de que esta tarefa é originalmente destinada a elas. Esse resultado vai ao encontro do estudo de Kropeniski e Perurena (2017), que sugere que as tarefas domésticas são culturalmente atribuídas às mulheres, cabendo aos homens a função de ajuda-las sem deter a responsabilidade sobre as mesmas.

Essa mudança na concepção do gênero também foi observada nos brinquedos que, tradicionalmente, são vistos como direcionados aos meninos. Atividades de raciocínio, como oficina (Figura 13), e de movimento físico, como futebol (Figura 14), foram apresentadas com a presença de meninas. Esse resultado se opõe ao que foi observado em estudos anteriores como Gregoviski, Silva e Hlavac (2016). Esta nova apresentação dos brinquedos rompe com a ideia de que somente os meninos são agitados e curiosos, o que foi observado por Lima (2017), admitindo-se essas características também às meninas. Desta maneira, elas também podem deter habilidades para consertar coisas, manusear ferramentas, jogar futebol, pilotar carros, entre outras; desfazendo assim estereótipos masculinos associados aos brinquedos.

Figura 13 – Menino e menina brincando de oficina de carros



Fonte: Catálogo da empresa C.

Figura 14 – Menino e menina brincando de futebol de mesa



Fonte: Catálogo da empresa C.

A ruptura desses estereótipos foi valorizada pelas mães durante a discussão no grupo focal, que relataram gostar de ver meninos e meninas brincando juntos e compartilhando os mesmos brinquedos, pois essa convivência traz aprendizado e crescimento aos pequenos, além de oportunizar momentos para a criatividade, o que pode ser observado nos relatos a seguir.

Hoje em dia, tanto o menino quanto a menina têm essa questão de brincar de cozinhar. Enfim, e se os meninos têm alguns objetos que sejam de consertar (ferramentas), as meninas também estão querendo brincar. Acho que tem hoje essa diversidade grande, tanto de um quanto o outro querem brincar e eu acho que é bem interessante deixar com que a criança faça isso. Eles não vão estar apenas brincando, vão estar desenvolvendo habilidades e isso tem que ficar claro [C].

A gente imagina que em uma cozinha, por exemplo, eles vão lá e vão fazer só comidinha, mas quando a gente vê eles estão criando outras coisas. Neste momento é que surge o faz de conta, porque eles dão o conceito além do que aquele prático que estamos habituados. [...] isso que é o faz de conta, além de representar seu cotidiano ela desenvolve a criatividade de outras formas também [G].

Muitos pais e muitas mães dizem “não eu não quero que o meu filho brinque de boneca”, a gente acha tão bonito quando a nossa pega a boneca e coloca no carrinho e de repente vem o mano empurrando o carrinho também. É preciso os pais permitirem essa vivência de experiências diferentes [E].

A visão do brinquedo como um meio para desenvolver aptidões, se relacionar com o outro, conhecer coisas novas e aprender por meio de fantasias e de um mundo imaginado foi destacada nos estudos de Kropeniski e Perurena (2017), Cordazzo (2008), Lima (2017), Gregoviski, Silva e Hlavac (2016) e Pinto e Lopes (2009). Esse posicionamento, defendido pelas mães, sugere um resgate à origem da brincadeira, que é estabelecer contato com o

mundo, se divertir por meio de objetos, criar, inventar, imaginar. Observou-se um movimento por parte das empresas e reforçado nas falas das participantes no sentido de focar o brinquedo na sua essência, sem se preocupar tanto com os papéis de gênero associados aos mesmos. Algumas mães comentaram que as relações de gênero estão se modificando na sociedade e que as crianças pouco se importam com os estereótipos construídos pela sociedade. Os pequenos querem conhecer, brincar e se divertir, independentemente dos objetos que estão à disposição, conforme depoimentos a seguir.

Eu vejo essas crianças de hoje em dia em uma condição evoluída muito maior que nós, então para eles esse preconceito de cores, brinquedos e profissões não existe [G].

Antigamente se tinha essa ideia, de que o pai trabalhava e a mãe cuidava da casa e das crianças. Mas hoje em dia mudou um pouco. Graças a Deus, está mudando, o pai também é responsável por levar o filho ao médico, também é responsável por cuidar dos filhos dentro de casa. Então acho que não tem mais tanto problema um menino brincar de boneca, por que ele na verdade está aprendendo a cuidar de um filho que também vai ser dele [A].

Os relatos demonstram que, mesmo reconhecendo os diferentes papéis exercidos culturalmente por homens e mulheres na sociedade, as participantes apreciam a ideia de os seus filhos usufruírem de brincadeiras que lhes permita liberdade para experimentar diferentes papéis, sem limites para a imaginação, a criatividade e a diversão. Esse resultado sugere um resgate ao objetivo original da brincadeira, que engloba a expressão e a comunicação durante a infância, além de contribuir para o desenvolvimento social, afetivo e intelectual da criança, conforme apontado por Pereira e Oliveira (2016).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo se propôs a analisar a apresentação do gênero nos brinquedos infantis da linha faz-de-conta. Para alcançar esse objetivo, procedeu-se com a análise sob duas perspectivas: a) a apresentação do gênero nos brinquedos infantis da linha faz-de-conta pela indústria brasileira fabricante; e b) a percepção dos pais em relação à apresentação do gênero nos brinquedos infantis da linha faz-de-conta.

A análise dos catálogos de três indústrias brasileiras e do grupo focal realizado com nove mães de crianças de até doze anos permitiu a identificação de categorias relacionadas ao significado da brincadeira na vida das crianças e à forma que os papéis de gênero são

apresentados aos pequenos por meio dos brinquedos. O primeiro significado identificado foi de maternidade e paternidade, que se refere à participação ativa dos pais nas brincadeiras das crianças, constituindo um clima familiar de amor, afeto e união. Na sequência, foram observados dois movimentos distintos tanto por parte das indústrias quanto das mães que foram entrevistadas: a segmentação de brinquedos por gênero e a unificação dos brinquedos sem gênero.

Por um lado, existe uma segregação dos brinquedos destinados a meninas e meninos. As meninas são associadas a brinquedos que remetem delicadeza, cuidado e elegância, como os cuidados com o lar, com os bebês e com a beleza. Já os meninos são conectados com brinquedos que evocam aventura, curiosidade e bagunça, como carros, ferramentas e bola. Essa divisão reflete os estereótipos pregados pela cultura, que são transmitidos às crianças por meio de brinquedos, que consistem em réplicas de objetos manipulados pelos adultos e constituem uma maneira de demonstrar aos pequenos o que se espera deles no futuro, conforme já apontado por Gregoviski, Silva e Hlavac (2016). Esses estereótipos são reforçados pelas cores presentes nos brinquedos (Fulcher; Hayes, 2017). A cor rosa é fortemente associada aos brinquedos das meninas e retrata sensibilidade, delicadeza e feminilidade. Por isso, a cor de rosa não é aceita – tanto pelas indústrias quanto pelas mães – para compor brinquedos de meninos. Por meio da pesquisa, observou-se que a aversão das mães em relação ao uso da cor de rosa pelos meninos está mais associada à preocupação em afastar os meninos de signos femininos do que à prática de tarefas culturalmente constituídas como femininas como cuidar da casa e dos filhos. Neste sentido, brinquedos supostamente de meninas são aceitos com maior naturalidade para os meninos quando se apresentam em outras cores (que não seja rosa), como vermelho, amarelo e branco.

O uso de cores supostamente neutras (que não são exclusivamente de menino ou de menina) para compor os brinquedos foi observado nos catálogos das indústrias que retrataram um movimento direcionado à oferta de brinquedos sem gênero. Esse movimento sugere a brincadeira de forma conjunta, compartilhada por meninos e meninas, sem divisão de papéis, tanto para os brinquedos originalmente destinados às meninas (como cozinhas) quanto para os brinquedos tradicionalmente direcionados aos meninos (como ferramentas). As mães se mostraram adeptas a essa ideia e assumiram que consideram extremamente válida a união de meninos e meninas nas brincadeiras. Esse resultado rompe com os estereótipos culturalmente construídos pela sociedade e oferece maior liberdade para a brincadeira sem idealizar papéis

de gênero. Deste modo, os brinquedos são considerados sem gênero quando apresentam cores neutras, independentemente da atividade em si que reproduz (cozinhar, dirigir, jogar).

Os resultados desse estudo trazem uma reflexão sobre os papéis de gênero presentes na vida das pessoas e que são repassados às crianças por meio dos brinquedos. Conforme já havia sido elucidado por Lima (2017), as meninas não nascem querendo bonecas ou casinhas e os meninos não nascem querendo carrinhos ou ferramentas. As crianças são inseridas na cultura e gradualmente aprendem a se comunicar e a se comportar. As crianças observam seus pais, suas mães e outras pessoas do seu convívio próximo, criando referências de comportamento com as quais se identificam ou não. Essas referências pautam a sua conduta e guiam o seu comportamento desde muito cedo. Assim, ao se deparar com um brinquedo, a criança naturalmente avalia se é adequado a ela ou não, se combina com o seu estilo ou não, sem necessariamente passar pela questão do gênero, conforme Fulcher e Hayes (2017) já haviam mencionado.

Desta forma, a criança assimila os valores com os quais convive. Se ela observar que tanto o pai quanto a mãe dirigem e lhe levam para a escola, ela vai assimilar que esse é um papel de ambos os sexos. Se ela crescer com o pai e mãe cozinhando e lhe dando comidinha, ela vai assimilar que esse é um papel de ambos. Desta forma, ao interagir com outras crianças, ela vai considerar natural brincar com meninos e meninas de carrinho ou de cozinha. Portanto, os papéis de gênero não são construídos apenas por meio dos brinquedos e sim na interação social, especialmente com os adultos.

Observou-se a iniciativa das indústrias e das mães com vistas a proporcionar a brincadeira interativa das crianças, que proporcionasse um momento de união entre meninos e meninas. Neste sentido, esse estudo proporciona contribuição às indústrias no sentido de identificar uma tendência de mercado. Os pais se agradam da ideia de ver seus filhos brincarem em conjunto, independentemente do sexo ou do brinquedo, pois reconhecessem que os benefícios desse convívio social perpassam questões de gênero. As empresas que atuam no segmento infantil podem se utilizar desses resultados para desenvolver produtos alinhados com esse novo interesse social. Essa iniciativa proporciona maior liberdade para os pais e para os pequenos no momento de escolha dos brinquedos.

Academicamente, esse estudo contribuiu no sentido de oferecer uma análise do tema, considerando dois agentes: as indústrias de brinquedos e os pais das crianças. Os resultados reforçaram os achados de Kropeniski e Perurena (2017) e Gregoviski, Silva e Hlavac (2016),

que realizaram pesquisas documentais, e corroborando com o estudo de Lima (2017), que investigou as crianças; além de contribuir com as investigações experimentais de Fulcher e Hayes (2017), no que se refere à cor dos brinquedos. Pontualmente, o estudo traz uma reflexão sobre a construção cultural dos papéis de gênero que extrapolam as propostas dos brinquedos oferecidos no mercado e abrangem os valores da sociedade, o que se aproxima das reflexões de Pereira e Oliveira (2016) e Silva e Brabo (2016).

Essa pesquisa apresentou algumas limitações. Primeiramente, a consideração de somente três indústrias de brinquedos para análise dos catálogos, o que limitou a abrangência dos dados, ainda que o critério de escolha tenha sido pela representatividade no mercado nacional. Segundo, destaca-se o comparecimento de apenas mães para participar do grupo focal, ainda que o convite tenha sido enviado ao casal. Sabendo-se que os quinze casais convidados são heterossexuais, entende-se que a ausência da figura paterna limitou os dados obtidos à percepção somente da figura feminina. Essa limitação abre espaço para a discussão sobre como a família está culturalmente organizada em relação às responsabilidades relacionadas aos filhos. O comparecimento somente das mães sugere que essas são as responsáveis por assumir os assuntos relacionados aos filhos e por isso se ocupam de pensar sobre esse item e de comparecer aos compromissos sem a presença masculina. Terceiro, destaca-se que das nove mães participantes, seis são mães de meninas e somente três são mães de meninos. Essa baixa representatividade de mães de meninos também pode ter influenciado os resultados da pesquisa, especialmente no que se refere à abertura das participantes para que as filhas brinquem com brinquedos supostamente de meninos.

Diante dessas limitações, sugere-se que estudos futuros busquem ampliar o escopo dessa pesquisa e contemplem mais indústrias de brinquedos, brasileiras e estrangeiras, com vistas a comparar os papéis de gênero em diferentes contextos culturais. Sugere-se ainda a realização de grupos focais com a participação dos dois integrantes do casal, tanto em uma composição heterossexual (homem e mulher) quanto em uma composição homossexual (dois homens ou duas mulheres). A presença de um grupo focal misto no que se refere ao sexo e à composição da família enriquecerá as discussões realizadas acerca do gênero do brinquedo e poderá elucidar outras questões não alcançadas neste estudo.

Apêndice A

Roteiro semiestruturado do Grupo Focal

1. Como é o seu consumo de brinquedos? Que tipo de brinquedos vocês compram, com qual frequência, em quais datas, como são feitas estas compras?
2. O fato de terem filhos dentro da faixa etária estabelecida entre 5 e 7 anos contribui na aquisição constante de brinquedos?
3. Vocês conhecem a linha de brinquedos faz de conta? São brinquedos que replicam atividades cotidianas nas brincadeiras, como: Cozinhar, varrer, fazer consertos e dirigir. (Intervenção: alguma dúvida sobre o que são brinquedos da linha faz de conta?)
4. Como vocês vem a inserção deste tipo de brinquedo no desenvolvimento infantil? Poderiam apontar pontos positivos e negativos?
5. Como vocês acreditam que as atitudes dos pais podem impactar nas brincadeiras infantis?
6. O brinquedo da linha faz de conta, por replicarem atividades cotidianas, tendem a reforçar estereótipos de comportamentos existentes? (Intervenção: todos sabem o significado da palavra estereótipo?)
7. O que vocês entendem por brinquedos sem gênero?
8. O brinquedo sem gênero pode ser equiparado ao brinquedo unissex que existia antigamente?
9. Na sua opinião, a indústria de brinquedos tem tratado o assunto gênero nos brinquedos de forma satisfatória? Por quê?
10. Você já viu alguma publicidade ou material sobre esse tipo de produto na mídia? Qual?
11. Qual sua opinião a respeito dos brinquedos sem gênero?
12. Você vê pontos positivos no desenvolvimento infantil ao estimular brincadeiras com este tipo de brinquedo? Quais?
13. Você vê pontos negativos no desenvolvimento infantil ao estimular brincadeiras com este tipo de brinquedo? Quais?
14. O que você pensa sobre a associação do brinquedo sem gênero a orientação sexual da criança?

REFERÊNCIAS

- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CORDAZZO, S. T. **Caracterização das brincadeiras de crianças em idade escolar**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC. 2008.
- CRUZ, L. M.; SILVA, Z. G.; SOUZA, M. L. O Brinquedo e a Produção do Gênero na Educação Infantil: Uma Análise Pós-Estruturalista. II Seminário Nacional e Educação, Diversidade e Direitos Humanos – **Anais**, 2012.
- FULCHER, M.; HAYES, A. R. Building a Pink Dinosaur: the Effects of Gendered Construction Toys on Girls’ and Boys’ Play. **Journal of Sex Roles**. 18 jul. 2017.
- GIBBS, G.; FLICK, U. **Análise de Dados Qualitativos**. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- GODOY, K. N. B.; MOURÃO, L.; OLIVEIRA, A. L.; CHAVES, B. S. Construção das identidades de gênero na infância: os discursos dos brinquedos e brincadeiras. **Revista Pensar a Prática**. V. 24, 2021.
- GUNTER, B.; FURNHAM, A. **As crianças como consumidoras**: Uma análise psicológica do mercado juvenil. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- GREGOVISKI, V. R.; SILVA, F. L. L.; HLAVAC, L. A. B. ‘É Menino Ou Menina?’ – A construção da identidade de gênero através dos brinquedos. **PERSPECTIVA**, Erechim. v. 40, n.152, p. 89-99, dezembro/2016.
- KINCHELOE, J.; STEINBERG, S. **Cultura infantil**: A construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- KROPENISCKI, F. B.; PERURENA, F. C. V. Relações de Gênero em Catálogos de Brinquedos: (contra)indicações para o brincar. **Educação Social**, v. 38, nº. 141, p.965-981, out.-dez., 2017.
- LIMA, C. G. **Gênero, brinquedo e brincar**: Possíveis relações na perspectiva das crianças. Trabalho de conclusão de curso (Curso de graduação em Pedagogia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.
- LIRA, A. C. M.; NUNES, M. A. Ensinando a ser menina e menino: brinquedos e relações de gênero. **Ensino & Pesquisa**, v. 14, n. 01, jan-jun, 2016, p. 180-200.
- PEREIRA, A. S.; OLIVEIRA, E. M. B. Brincadeiras de meninos e meninas, Cenas de Gênero na Educação Infantil. **Revista Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, jan-abr, 2016, p. 273-288.
- PHILLIPS, Nelson; HARDY, Cynthia. **Discourse analysis**: investigating processes of social construction. Thousand Oaks: Sage, 2002.

PINTO, T. O.; LOPES, M. F. Brincadeira no espaço da rua e a demarcação dos gêneros na infância. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, v. 7, n. 2, p. 861-885, 2009.

SARAT, M.; CAMPOS, M. I.; MACEDO, E. M. Infância, Gênero, Brinquedos e Brincadeiras de meninos e meninas. **Horizontes**, v. 4, n. 7, jan-jun, 2016, p. 121-134.

SILVA, A. F. Infância, Gênero e Brinquedos: reflexão sobre a construção da domesticidade feminina através das coisas contemporâneas de brincar. **Revista de Arqueologia**, V. 31, n. 2, 2018.

SILVA, M. E. F.; BRABO, T. S. A. M. A introdução dos Papéis de Gênero na Infância: brincar de menina e/ou de menino?. **Trama Interdisciplinar**, v. 7, n. 3, p. 127-140, set./dez. 2016.

SWEET, E. **Boy builders and pink princesses: Gender, toys and inequality over the twentieth century**. Dissertação (Doutorado em Filosofia) - University of California, Davis, 2014.

TELLES, E. O. Significados de Gênero nos Brinquedos e Brincadeiras infantis: uma proposta de intervenção nas séries iniciais do ensino fundamental. **Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**. Agosto, 2010.

WEISGRAM, E. S. Reducing Gender Stereotypes in Toys and Play for Smarter, Stronger, and Kinder Kids. **American Journal of Play**, v. 12, n. 1, 2019.